

crítica

CINEMA.

Éxtases e arrebatos do cinema español

Del éxtasis al arrebato. Un recorrido por el cine experimental español

Autor: Varios.

Produtora: Cameo. DVD duplo+Libro.

O cinema experimental español está de parabéns. Mudam os tempos, mudam as apreciações críticas e mudam os médios de divulgação, e o resultado de tanta mudança é o excelente DVD duplo que vêm de publicar Cameo: *Del éxtasis al arrebato. Un recorrido por el cine experimental español*. Com el sai à luz, por vez primeira, umha boa secção do cinema alternativo español que durante décadas se mantivo oculto ao público e mesmo às e aos especialistas.

A cuidada edição de Cameo inclue um profusamente ilustrado livro com textos em español e inglés (que reflectem a ambição internacional do projecto) e dous discos que recolhem versões revisadas e restauradas de 31 obras, desde a *Film experiencia I* do Equipo 57 (1957) até o *Copy.Scream* de Oriol Sánchez (2007), desde os éxtases do pioneiro e figura senlleira Val del Omar (*Fuego en Castilla*, 1960) até os arrebatos de Zulueta (*AMAL GAMA*, 1976), desde as pequenas peças conceptuais de Carles Santos (1967) até a pintura directa sobre celuloide de Sistiaga (*Impresiones en la alta atmósfera*, 1989). Um total de 225 minutos do melhor cinema possível.

Se algumas das fitas tivérom certa vida pública, incluídas projecções recentes nas filmotecas peninsulares, a sua



Fotogramas de dúas das obras que inclúe *Del éxtasis al arrebato*...

presença doutras películas até agora invisíveis bem justificam a edição do DVD. É o caso de *Arriluce* (Rebolledo, 1975) ou o de *Brutal Ardour* (Huerga, 1978), duas interessantes aportações à tradição estrutural, materialista, formal ou conceptual (obras nas que a estrutura e a organização formal primam sobre o "contido").

Arriluce compom-se dumha série de 13 planos repetida 5 vezes. Os doce primeiros, ordenados de maior a menor densidade de matéria no enquadre, están acompañados dumha banda sonora específica e a sua duração aumenta progressivamente. O derradeiro, plano do mar que nos lembra a image final de *Wavelength* (Michael Snow, 1967), é mudo e a sua longitude reduce-se de cada vez. Neste senso *Arriluce* nom

se diferencia tanto das propostas formais e minimalistas de autores como o citado Snow, Hollis Frampton ou do *Moment* (1972) de Bill Brand. O que resulta novidosa é a utilização do som (recitado dum rosário, transmissom dum partido de fútbol, novas sobre a execução de activistas antifranquistas...) que nos transmite umha lúgubre image da Espanha tardo-franquista e que resgata a obra do âmbito estritamente formal para adentrá-la num cinema de conotações políticas e sociais.

Em *Brutal Ardour* acontece um desfazamento similar, ainda que neste caso o transvase fai-se desde o minimalismo ao romanticismo. Se no Reino Unido surgia, nos anos 80, o movimento do "Novo Romanicismo" como reacção à frialdade

intelectual do cinema materialista, Huerga consegue transmitir na sua película um forte sentimento romántico e

melancólico sem renunciar à radicalidade formal. O cineasta manipula umha dúzia de planos, de estética prerrafaelista e simbólica, adentrando-se no quadro, deixando que este salte no projector, ralentizando o movimento e cobrindo as images cumha pátina dourada que realça o significado sobre o significado. Esta exploração formal da textura e do grao da image tem um conhecido antecedente em

Tom Tom the Piper's Son (Ken Jacobs, 1971), mas a calidez e a poesia que Huerga acada están ausentes na obra de Jacobs. A beleza de *Brutal Ardour* vêm dada tamém polos resíduos narrativos que o cineasta conserva: umha mulher e um home passeiam, beixam-se, separam-se, el jaz deitado no chao (morto?)... Nada mais acontece. Os planos repetem-se, alongam-se, desintegram-se. Mas a estética pictórica, os vestidos das personagens e mesmo o anho que ao final entra em cena remitem a umha e mil histórias románticas que formam parte do nosso subconsciente colectivo.

Del éxtasis al arrebato obriga-nos a revisar a história do cinema español, algo que sempre resulta positivo. A publicação é fruto dumha nova geração crítica inconforme coa história oficial e permitirá que novos públicos se achem para estes tesouros ocultos para continuar a indagar na rica e variada vanguarda española. A selecção oferecida, afortunadamente parcial, permite ademais comprovar a continuidade das práticas experimentais no cinema: este cinema, feito em celuloide, nom é cousa do passado, nom está restringido aos anos sessenta e setenta, senom que continua

vivo e em boa saúde mesmo numha época na que o vídeo se impom como alternativa mais asequível.

Apesar do cuidado posto na digitalização das películas alguns erros estragam o desfrute: nalgum caso o quadro salta na pantalha e noutros os créditos ficam fora de campo (se o destino do DVD vai ser o salom doméstico, por que nom reducir a image para evitar que o televisor "coma" as marges?). E de duas breves peças, as de Aguirre e Sistiaga, só podemos ver, incompreensivelmente, um escaso fragmento. Tamém pecca a escolha dum excessivo escuramento cara a cineastas catalás. É umha pena que a *Lluvia* de Granell nom conseguira entrar na selecção (ficando assi Galiza fora do mapa), ainda que si forme parte do programa itinerante e intercontinental, mais amplo, do que a edição de Cameo serve como catálogo.●

Alberte Pagán